

Seminário Aberto

# Hermenêutica da Literatura e Tradução

## 1.2.

Teoria e prática a partir de  
exemplos da literatura lusófona

[Burghard Baltrusch](#)

2021



I Cátedra Internacional  
José Saramago  
Universidade de Vigo



Walter Benjamin (1892-1940) - 3



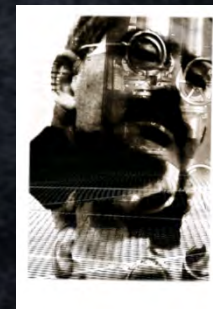
“A tarefa do tradutor ” (1923, prólogo à tradução dos *Tableaux Parisiens* de Charles Baudelaire)

A tarefa da tradução nem é a reprodução do sentido do TO nem a recriação poética da sua língua mas do devir da língua em geral.

Ideal da traduzibilidade:

A identidade de uma obra é construída sobre um substrato histórico em constante transformação.

“Cada língua superior [é uma] tradução de todas as outras”



# A teoria da tradução não-antropocêntrica de Walter Benjamin



1.

A tradutibilidade geral é inerente à natureza precisamente porque não depende do ser humano.


O traduzível é uma função independente da condição humana.


2.

A intradutibilidade é aquilo que excede a nossa capacidade de conhecimento e entendimento forçosamente antropocêntricos.

O intraduzível é aquilo que nos aparece como inacessível, inexplorável ou inexponível.

# “Trânsitos / traduções entre realidade e norma

isto ←  traduzível

isto ←  intraduzível

[S]

[=]

[P]

fenómeno

norma

isto é traduzível

isto é intraduzível

[S] [=] [P]

fenómeno

norma

## **Não confundir o fenómeno traduzível com o seu significado!**

S nunca pode ser identificado com P (ambiguidade estrutural, assimétrica).

O determinante “isto” designa o fenómeno que se considera traduzível:

O processo de tradução daquilo que se considera a coisa, o real, para a norma, a convenção linguística ou discursiva.

O que foi designado por “isto”, o fenómeno traduzível em si mesmo, trata de aparecer na tradução, mas nunca consegue fazê-lo completamente.

(Cf. “Autopsicografia”)

# Hans-Georg Gadamer (1900-2002)



*Wahrheit und Methode (Verdade e Método, 1960):*

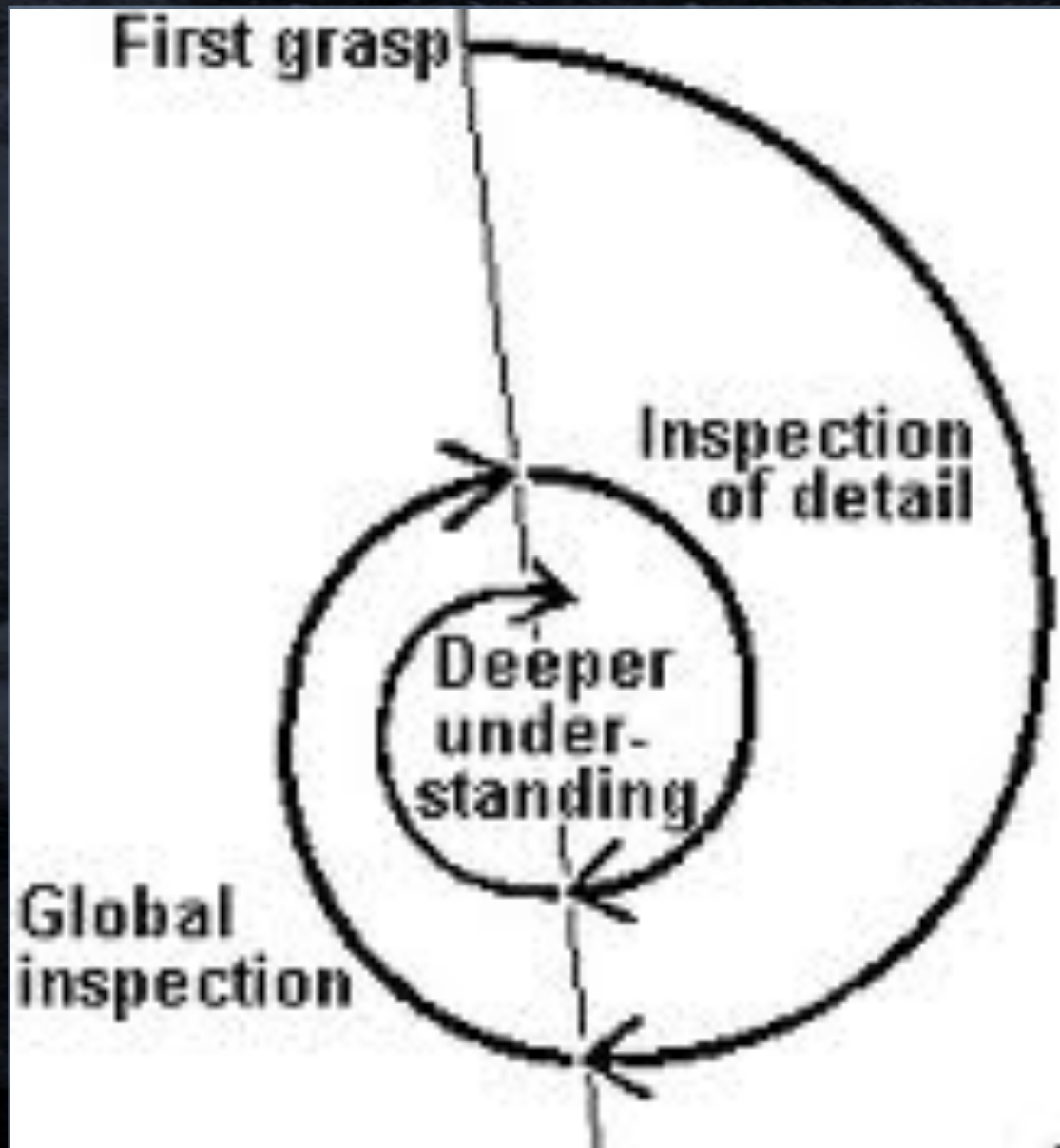
“A diferença entre a tarefa de recriação do tradutor e a tarefa hermenêutica geral, que oferece um texto qualquer, não é qualitativa mas somente gradual.”

“a estrutura da tradução indica o problema geral de tornar o alheio em próprio”

A tradução não é entendida como reprodução do original, mas como interpretação que deve equilibrar a empatia e a distância:

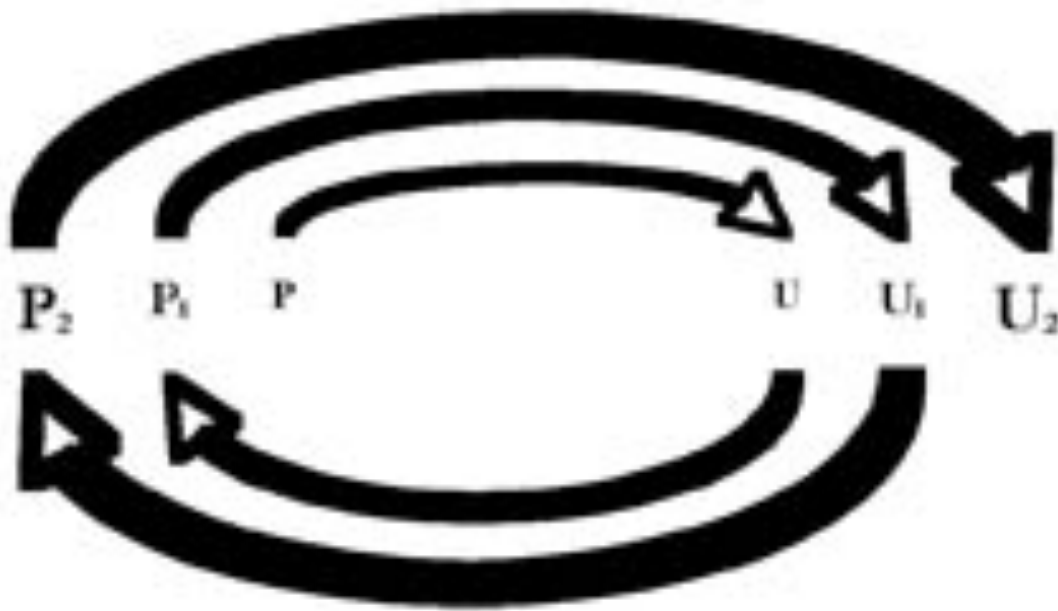
A tradução caracteriza-se pelo diálogo .

# Círculo hermenéutico a partir de Gadamer - 1





## Círculo hermenéutico a partir de Gadamer - 2



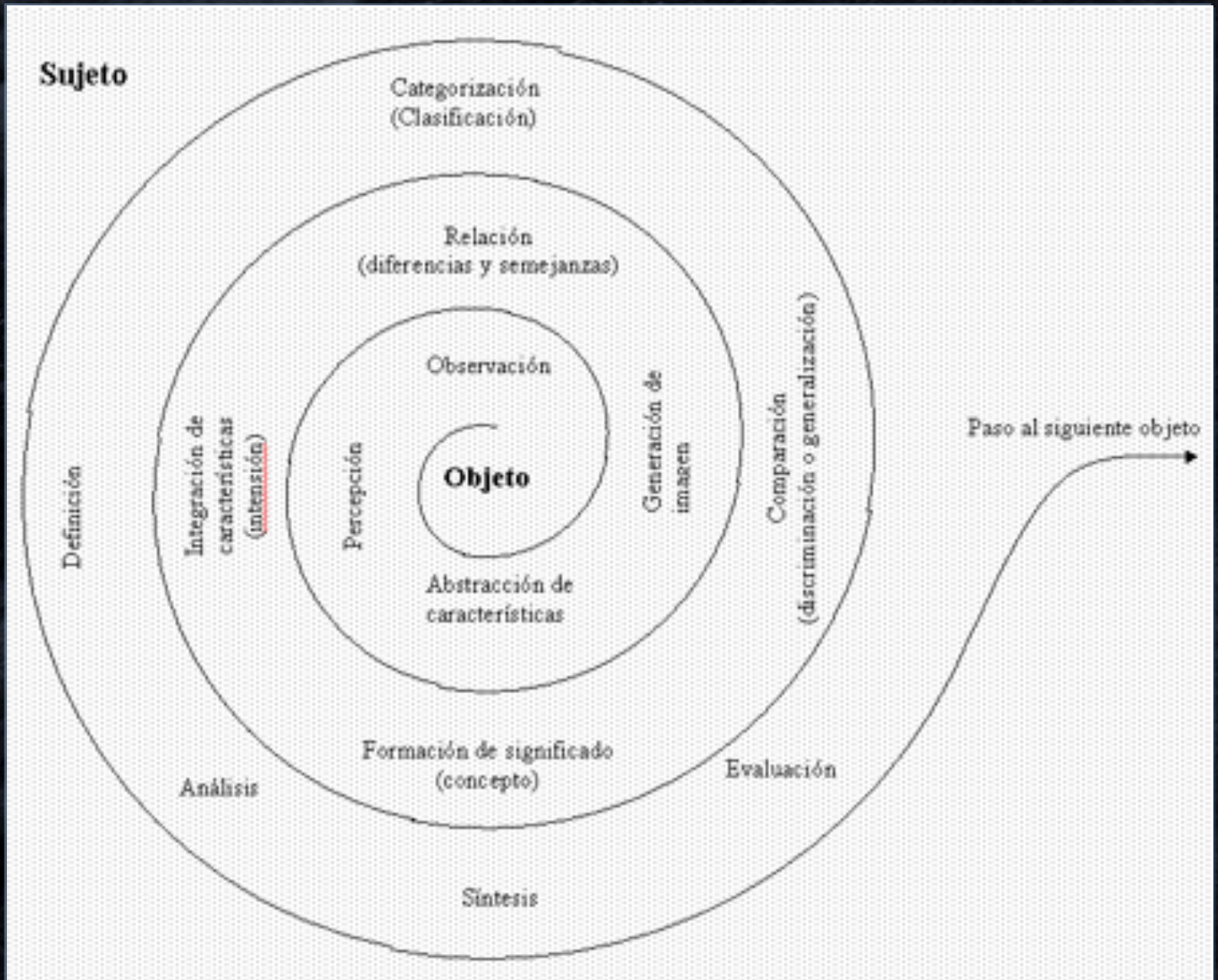
P= pre-understanding,

U= understanding;

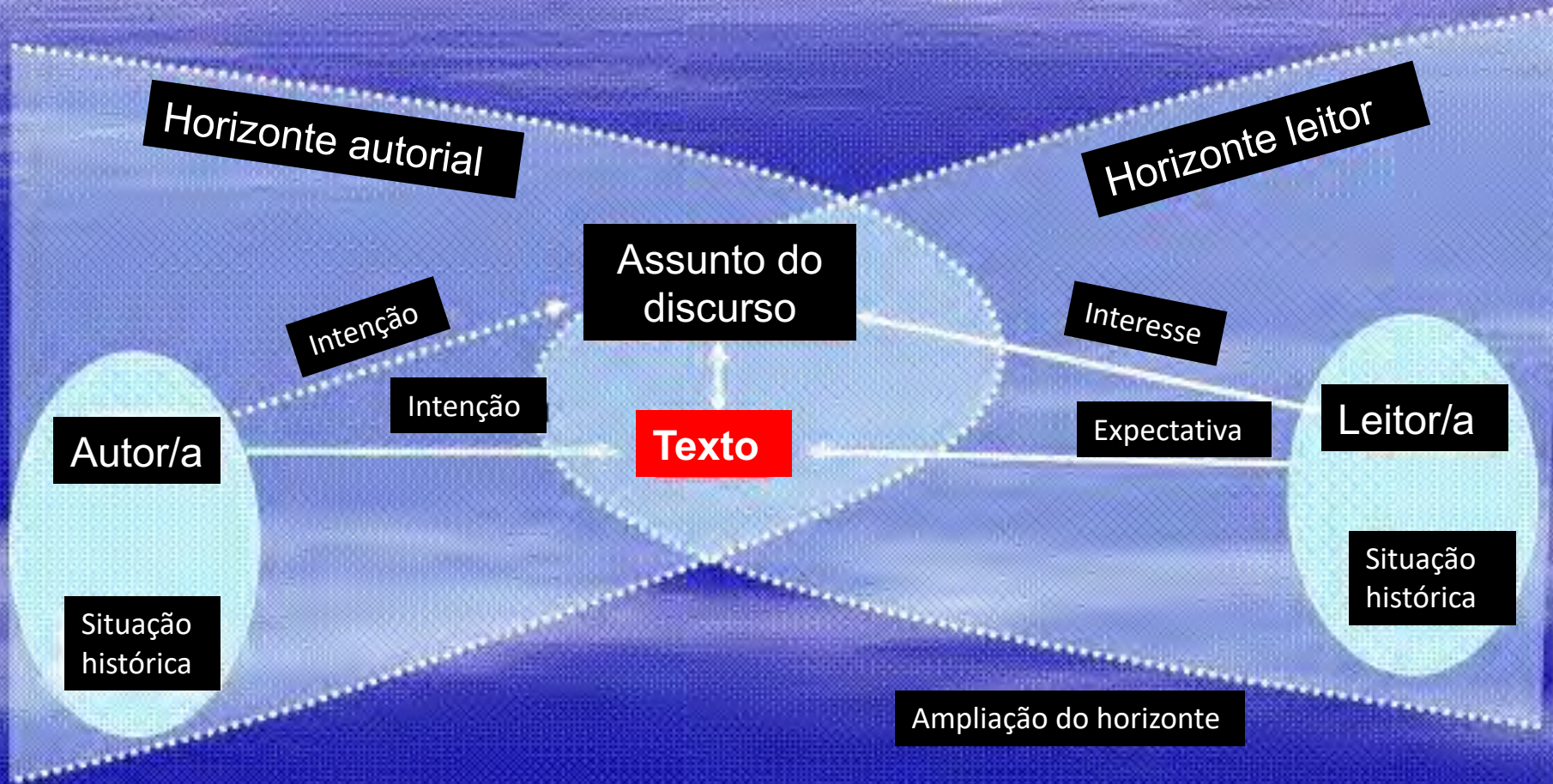
$P_1$ = advanced pre-  
understanding;

$U_1$ = advanced  
understanding ...

# Círculo hermenéutico a partir de Gadamer - 3



# Fusão dos horizontes autorial e leitor segundo Gadamer



# Roland Barthes (1915-1980)

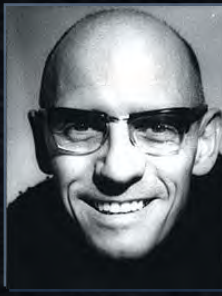


*"La mort de l'auteur"* (1967):

« la naissance du lecteur doit se payer de la mort de l'auteur »

- Autor/a não existe fora ou anterior à linguagem, porque é um sujeito social e historicamente constituído.
- É o acto da escrita que faz o autor/a e não o contrário.
- Escritor/a como imitador de um gesto ou de uma palavra anteriores, mas nunca originais.
- Unidade do texto surge na leitura e não na figura do autor.

**Michel Foucault** (1926-1984)



“Qu’est-ce qu’un auteur?” (1969):

Autor = conjunto de posições subjectivas determinadas por rupturas e discontinuidades.  
= uma função do discurso, que se dissolve num texto que se está a escrever a si mesmo.

”Função-autor”:

*“característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.”*

Indica que cada discurso deve ser recebido de certa maneira e com um certo estatuto numa determinada cultura.

## Fritz Paepke (1916-1990)



Na linha de Gadamer, introduziu a perspectiva hermenêutica nos estudos de tradução (neo-hermenêutica).

“A tradução como esboço hermenêutico” (1978):

“Traduzir faz com que o tradutor participe no jogo do texto.”

“O tradutor é [...] um jogador.”

Considera que a perspectiva hermenêutica resulta mais holística do que a linguística ou a analítica.

Tradução como um encontro pessoal (emocional e físico).

# George Steiner (1929)

Também continua na linha de Gadamer.

*After Babel* (1975):

“[in translation] there is, ideally, exchange without loss”

Em todas as perspectivas interculturais

“o assunto da tradução é primordial” (1995).

A tradução opera de forma tanto intra- como interlinguística.

Fidelidade é um “movimento hermenéutico” em 4 fases:

1. Confiança em que o TO tem alguma coisa interessante para comunicar .
2. Incursão no território alheio do TO para extrair significado.
3. Incorporar novo material na literatura de chegada.
4. Satisfação pelo facto de ter contribuído ao TO através da tradução.



# Paul Ricoeur (1913-2005) - 1



Como empregar o método hermenêutico para o progresso do conhecimento nas ciências sociais e humanas em geral?

Tal como o texto, também a acção humana é

“uma obra aberta, sem terminar.”

Semântica de superfície vs. semântica de profundidade:

“Trata-se de compreender as interpretações do mundo que o texto possibilita.”

Texto como ponto de partida para uma nova visão do mundo .

Semântica de profundidade pode ser aplicada à interpretação de fenómenos sociais, como

“esboço de um mundo que é mais do que uma mera situação.”



## Paul Ricoeur (1913-2005) - 2



Só nos podemos chegar a conhecer através do Outro.

Problema da tradução / interpretação:

Fala	vs.	Escrita
(entendimento directo)		(falta de contexto)

Tradução precisa superar 2 resistências:

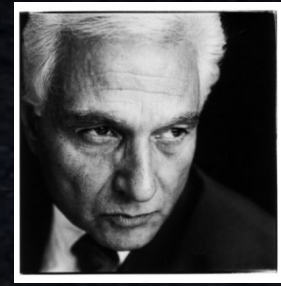
1. TO não pode ser apreendido na sua totalidade.
2. TT não pode oferecer uma tradução perfeita.

Os mitos do 'original' e da linguagem 'universal' não funcionam.

Mito de Babel como símbolo da diversidade.

A tradução como paradigma da "hospitalidade linguística".

# Jacques Derrida (1930-2004) - 1



A tradução como princípio da filosofia.

*L'oreille de l'autre* (1982):

“[...] a tese da filosofia é a tradutibilidade, a tradutibilidade neste sentido comum, transportadora de um sentido, de um valor de verdade, de uma língua para a outra, sem perda essencial.”

“[...] a origem da filosofia é a tradução, a tese da tradutibilidade; e em todos os casos onde a tradução é, neste sentido, posta em questão, nada menos do que a própria filosofia também se encontra posta em questão.”

## Jacques Derrida (1930-2004) - 2



Influência do cepticismo de Heidegger em relação à tradição da metafísica ocidental e das suas conceitualizações.

**Desconstrução** = hermenêutica da dúvida constante.

Aporia da tradução:

Impossibilidade de uma transferência completa do significado.

Como Benjamin, rejeita a linguagem como veículo do significado.

“Double bind”:

A tradução é, ao mesmo tempo, necessária e impossível.



*Positions* (1972):

“Nos limites em que ela é possível, ou pelo menos ela PARECE possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas se essa diferença nunca é pura, a tradução não o será mais, por isso é **necessário substituir a noção de tradução por uma noção de TRANSFORMAÇÃO:** transformação regulada de uma língua para outra, de um texto para outro”

# Desconstrução - 1

Mudança de perspectiva que estabelece a desconstrução:

identidade	→	diferença
texto	→	performance

A desconstrução procura eliminar as hierarquias

literário	—	não-literário,
metafísico	—	referencial,
pensamento	—	estrutura,
centro	—	periferia, etc.

## Desconstrução - 2

Segundo a perspectiva desconstrutivista analisam-se, sobretudo:

- as diferenças, mudanças e elisões no texto e
- os factores sociais, ideológicos e subjectivos relacionados.
- as relações entre
  - verdade - convenção,
  - verdade - poder,
  - língua - poder,
  - local - global,
  - nacional - transnacional, etc.

# Jacques Derrida - 4



## Desconstrução

Paradigma metodológico relacionado com a teoria dos signos pós-estruturalista.

Estruturalismo : Reconstruir o significado (inequívoco) do texto.

Desconstrução: Texto não tem um significado único; por isso, o interesse da interpretação/do conhecimento reside em desvelar as contradições inerentes ao texto.

Razão: Signos são considerados polissémicos; por isso, a desconstrução analisa, sobretudo, metáforas e metonímias que subvertem o significado intencionado pelo autor/a

Desconstrução critica o logocentrismo da filosofia ocidental.

A realidade não pode ser compreendida e dominada completamente, uma vez que não conseguimos dominar por completo a língua, que é a nossa ferramenta principal para o raciocínio.

## Jacques Derrida – 5: *De la grammatologie*, 1967



Nietzsche: Inverteu a hierarquia dos valores metafísicos instituídos por platonismo e cristianismo.

Derrida: Desconstruiu os binarismos da filosofia ocidental (espírito/corpo, sentido/signo, dentro/fora, etc.).

Binários são logocêntricos: instituíram o *logos* como origem da verdade.

**Logocentrismo** = ethnocentrismo europeu e ocidental, predominância da racionalidade técnico-científica.

Impede pensar a história e a identidade desde a alteridade, desde a língua e a cultura do Outro e de uma possível identidade futura e diferente.

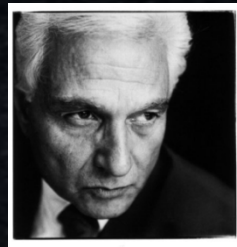
Tarefa do nosso tempo:

”a destuição, não somente a demolição mas a des-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que têm a sua origem naquela do logos. Especialmente a significação da verdade.” (1967: 21)

Cf. também <http://1libertaire.free.fr/DerridaDeconstruction.html>



## Jacques Derrida – 6: « Lettre à un ami japonais », 1985



« la question de la **déconstruction** est aussi de part en part *la* question de la **traduction** et de la langue des concepts, du **corpus conceptuel de la métaphysique dite «occidentale»** »

« Il s'agissait de défaire, décomposer, désédimenter des structures (toutes sortes de structures, linguistiques, «logocentriques», «phonocentriques» »

« [...] ce n'était pas une opération négative. Plutôt que de détruire, il fallait aussi comprendre comment un «ensemble» s'était construit, le reconstruire pour cela. »

« [...] la déconstruction n'est ni une **analyse** ni une **critique**, [...] et ne peut être transformée en méthode. »

« La déconstruction a lieu, c'est un événement qui n'attend pas la délibération, la conscience ou l'organisation du sujet, ni même de la modernité. [...] **l'impossible «tache du traducteur» (Benjamin), voilà ce que veut dire aussi «déconstruction».** »

# Jacques Derrida, *Différance* - 1



## différence vs. \*différance

Divergência ortográfica apesar da identidade fonética.

Separação entre língua e escrita.

*Différance* < fr. ›différer‹: ›retardar‹, ›diferir, ser dessemelhante‹;  
conceito da teoria dos signos pós-estruturalista.

### Estruturalismo:

Relação significado e significante é temporal (primeiro a língua, depois o signo).

O significado (considerado primário) é representado pelo signo/significante (considerado secundário).

### Derrida:

Relação espacial; os signos movem o significado do objecto que se pretende significar; a atenção recai no significado em si.

Os signos não representam mas 'suplantam' as coisas (onde está a palavra >rosa‹, já não há rosa nenhuma).



## différence vs. \*différance

Dá-se um duplo movimento

1. ser diferente/retardado e, ao mesmo tempo,
2. ser diferente/dissemelhante.

Este é, também, o movimento característico da tradução (sobretudo da literária).

Exemplo: A palavra "**infinito**" significa

1. aquilo que é o imensurável, o ilimitado, o absoluto, etc., com o sentido sempre diferido/retardado, visto que precisamos de outras palavras para definir uma palavra;
2. aquilo que não é, ou seja, que é definido pelas suas diferenças ("finito", "limitado", "relativo", etc.).

## Jacques Derrida, *Différance* - 3



- Signo = suplemento de si mesmo. Só significa na medida em que se opõe a outro signo.
- Essa condição da linguagem constantemente diferencia e adia o que concede significância ao signo.
- Não se pode determinar o sentido de um texto, porque todo o texto está sujeito ao jogo da *différance*.

### Oposição fora/dentro (escrita/discurso):

- É preciso introduzir um terceiro elemento (o suplemento) para produzir um sentido daquilo que verdadeiramente o suplemento difere (presença, interpretação, etc.).
- O suplemento já participa em e transgride ambos os lados da “oposição”.



Différance é uma forma de continuar a questionar unidades verbais “falsas” (*brisures*, “palavras-charneira”):

matéria/espírito, sujeito/objecto, significado/significante, máscara/verdade, interior/exterior, representação/presença, aparência/essência, etc.

Desconstruir um texto:

- Não procurar o sentido. Desvelar como ao mesmo tempo se estabelece e transgride o sentido.
- Revelar os movimentos paradoxais dentro da sua linguagem.
- Mostrar como se produz um *desvio* [*dérive*] asemântico de *différance*.
- Fazer com que as palavras-charneira subvertam as suposições do texto.
- Repensar a forma como a linguagem opera.
- Mostrar que a escrita não representa alguma coisa, mas que é um “jogo” infinito.

# Haroldo de Campos (1929-2003)



## Recepção da “Tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, por Haroldo de Campos

- 1963: “Da tradução como criação e crítica”
- 1977: “A poética da tradução”
- 1977: “A palavra vermelha Hölderlin”
- 1981: *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*
- 1984: “Para além do princípio da saudade. A teoria benjaminiana da tradução”
- 1987: “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”
- 1997: “A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin”

## Haroldo de Campos (1929-2003)



Tradução antropofágica.

“A usurpação luciferina” da tradução.

“Para além do princípio da saudade. A teoria benjaminiana da tradução” (1984):

“Ao invês de render-se ao interdito do silêncio, o tradutor-usurpador passa, por seu turno, a ameaçar o original com a ruína da origem. Esta, como eu a chamo, a última «hybris» do tradutor luciferino: transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução. Reencarnar a origem e a originalidade como plagiotropia: como «movimento infinito da diferença» (Derrida); e a mimesis como produção mesma dessa diferença.”

# Jorge Luis Borges (1899-1986)



“Los traductores de las mil y una noches” (1936):

Cada tradução das *Mil e uma Noites* representa uma concepção particular do TO.

Em termos semelhantes aos de Benjamin, Borges sugere, que:

- ler é interpretar e reconstruir um texto, enquanto
- traduzir é um modo próprio de ler, escrever, interpretar.

Ler e traduzir são operações semelhantes às da crítica literária, são hermenêuticas múltiplas, modos diversos de entender e fixar um significado.

Tradução como ‘infidelidade criadora’:

A melhor tradução, não restabelece o significado do original, mas é a mais agradável de ler.



# Equivalência vs. Desconstrução — 1

A noção da equivalência nas teorias de tradução  
(cf. funcionalismo/skopos, descriptive translation studies, etc.)

Parte dos seguintes pressupostos, entre outros:

- Há uma mesma experiência estética no TO e no TT.
- Existe uma possível equivalência lingüística.
- Há funções literárias equivalentes na CO e na CT.
- Há correlação formal semelhante da aceitação social na CO e na CT.

# Equivalência vs. Desconstrução — 2

Desconstrução como perspectiva filosófica sobre a tradução:

- É a distinção rígida entre TO-TT inevitável?
- Existe alguma coisa anterior ao “original” (ideias, formas, etc.)?
- Será que o TT nos escreve a nós e não nós o TT?
- ...
- Não há estruturas profundas, invariáveis (essências).
- É preciso separar a língua do significado.
- O “original” é só uma entre muitas formas de significação.
- A tradução tem um papel central para o pensamento filosófico.
- Significado do TO é determinado pela tradução.
- Identidade estética/artística muda através das traduções.
- Há um regresso infinito: Cada TO/TT é só a tradução de um TO/TT anterior.

## Equivalência vs. Desconstrução — 3

Resumo das perspectivas desconstrutivistas sobre a tradução:

- O problema da tradução coloca-nos sempre num contexto filosófico (J. Derrida, *La Dissemination*, 1972).
- Insiste-se no problema de afirmar ‘verdades’ que possam ser diferenciadas, de maneira objectiva, da língua na qual foram formuladas (ibid.).
- Sobressai o problema das relações entre ser humano e língua, entre língua materna e língua estrangeira, entre as línguas em geral.

# Gayatri Chakravorty Spivak (1942) - 1



Teoria pós-colonial da tradução.

“Can the subaltern speak?” (1988):

Em que medida, as pessoas que sofreram processos de colonização (material e intelectual) serão capazes de falar por si mesmas/os?

A imagem das/os colonizados, que se projectou através da tradução, tem sido reproduzida nas culturas colonizadas e nas identidades das suas populações.

*Outside in the teaching machine* (1993):

Produção afirmativa da tradução através do

“strategic use of positive essentialism.”

## Gayatri Chakravorty Spivak (1942) - 2



### “Translation as Culture” (1999):

“Translation in this general sense is not under the control of the subject who is translating. Indeed the human subject is something that will have happened and as this shuttling translation, from inside to outside, from violence to conscience: the production of the ethical subject. [...] It is a done deal, precisely not a *future antérieur*, something that will have happened without our knowledge, particularly without our control, the subject coming into being.”

“For me, then, it is within this open-ended nature-culture frame that all recognizable violence of the recognizably political within the general violence of culturing can be located – in an element of transcoding as well as translating.”

“It is the difference between a generalizable semiotics that writes our life, and a cultural idiom that we must honorably establish so that we can ‘perform’ it as art.”

# Translational turn — 1



Alexis Nouss, “La traduction comme OVNI” (1995):

”la nouveauté paradigmatique de la traduction dans *l'épistémè* contemporaine.”

Alexis Nouss, “Éloge de la trahison” (2001):

”Puisque l'horizon traditionnel nous invite à réfléchir sur la scientificité avec pour normes ce qu'on appelle les sciences exactes, la traductologie apparaîtra une science ou un savoir de l'inexactitude [...]. Une telle épistémologie pourrait devenir un modèle pour d'autres disciplines ou approches en sciences humaines. **Un *translative turn* après le *linguistic turn* d'il y a quelques décennies. Un aspect, peut-être, de la post-modernité.**”

## Translational turn — 2



Doris Bachmann-Medick,

“Introduction: The translational turn” (2009):

“[...] it would be a mistake to pass hastily over the tensions inhering in translation’s relationships of appropriation, transformation and conflict. These can usefully explored and developed; **the frictions arising from the translational relations – wether metaphor, transfer, conceptual bridges or mutual repudiations – in the contact zones between the humanities and neurobiology offer a taste of what that might involve, and it is beginning to emerge in the challenges that a “translational turn” poses for the disciplines of the humanities, not least translation studies itself.**”

# **“Turns” / Viragens paradigmáticas na Ciência: A descentralização contínua do ser humano**

## **1. Sistema planetário de Nicolau Copérnico**

(Terra não é o centro do universo.)

## **2. Teoria da evolução de Charles Darwin**

(Ser humano é um primate entre outros.)

## **3. Psicanálise de Sigmund Freud**

(Comportamento governado pelo inconsciente.)

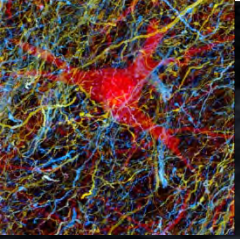
## **4. Descobrimiento do ADN**

(J. Watson: "There are only molecules. Everything else is sociology")

## **5. Neurociência**

(Consciência é resultado da actividade de redes neuronais.)



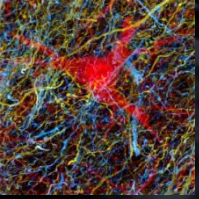


## “Neuronas espelho”

Vilayanur S.  
Ramachandran:

“Mirror Neurons and imitation learning as the driving force behind ‘the great leap forward’ in human evolution” (2006)

“With knowledge of these neurons, you have the **basis for understanding a host of very enigmatic aspects of the human mind: ‘mind reading’ empathy, imitation learning, and even the evolution of language.** Anytime you watch someone else doing something (or even starting to do something), the corresponding mirror neuron might fire in your brain, thereby allowing you to ‘read’ and understand another's intentions, and thus to develop a sophisticated ‘theory of other minds’.”



## Neuronas espelho: Fundamento dos processos de tradução cultural?

“Thanks to mirror neurons the human brain became *specialized* for culture, it became the organ of cultural diversity par excellence. [...] Indeed, **mirror neurons may help bridge the huge gap between the "the two cultures", the sciences and the humanities**, which CP Snow claimed could never be bridged. [...] ‘mirror neurons will do for psychology what DNA did for biology’.”

“[mirror neurons do] **mental translations** of others”

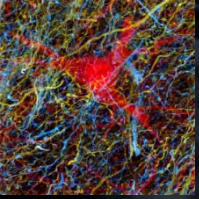
Vilayanur S. Ramachandran: “*Mirror Neurons and the Brain in the VAT*” (2006)

# Memética / memes



Susan Blackmore, “About Memes” (2006):

“Memes are habits, skills, [...] or any other kind of information that is copied from person to person. Memes, like genes, are replicators. [...] According to memetics, our minds and cultures are designed by natural selection acting on memes, just as organisms are designed by natural selection acting on genes.”



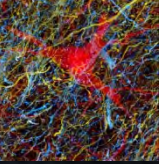
# Neuronas espello:

## Base dos procesos de tradución cultural?

“As neuronas espello xa nos indican un mecanismo celular que permite argumentar o proceso tradutivo tamén como un feito biolóxico. O proceso de simularmos as accións, intencións e emocións do Outro de xeito automático, situarían o fenómeno-idea da para/tradución xunto dunha posíbel base fisiolóxica da empatía e da convivencia social. **Tanto o punto de vista neurocientífico como a perspectiva concretamente memética, semellan confirmar a concepción filosófica dunha promesa de unicidade das linguas coas súas aberturas heterolóxicas.** Neste sentido, as neuronas espello e os memes, vendo estes como a prolongación ideográfica da condición nomotética daquelas, poderían formar un **marco para describir a evolución cultural e as imaxes do outro que estamos a traducir en termos de versións de uso e que estamos a construír en termos de historias de suxeitos.**”

B. Baltrusch: [“É Todo tradución? Elementos socioculturais, neurocientíficos e meméticos para unha teoría holística da para/tradución”](#) (2006)

# Memética e teoría da tradución



“A convención do ‘orixinal’ vén sendo, así como o libre albedrío, unha «ilusión benigna de usuario/a» dentro dun contexto paratradutivo en continua evolución –velaquí o principio da relatividade tradutiva. Non obstante, continuaremos a precisar da ‘historia’ dunha consciencia tradutiva do suxeito para poder analizar con certa precisión deslacements e tramas paratradutivas. [...] Mais incluso o propio fenómeno da consciencia dun suxeito podería ser visto como unha para/tradución entre (sic) un conxunto (ou memeplexo) composto de normas e ideoloxemas e un sentimento de si corpóreo con que estes interactúan ao construír a historia dun eu. A memética colabora na grande escrita e tradución desconstructiva de metanarrativas do eu, do libre albedrío, do logocentrismo, etc., e dos esencialismos fundacionais que lles foron sendo asociados. De ser a hipótese memética certa, corroboraría o imperativo para/tradutivo –tanto nun significado sistemático e categórico como nun significado descritivo e hermenéutico restrinxido á practica tradutiva e interpretativa.”

B. Baltrusch: “[É Todo tradución? Elementos socioculturais, neurocientíficos e meméticos para unha teoría holística da para/tradución](#)” (2006)

# Paratranslation – 1

“Within a sociocultural context translation, and paratranslation as its inevitable double, can be understood as a blending or reworking of *Weltanschauungen*, the analysis of which may lead us to a more complete lifting of constraints on knowledge and, more specifically, to a “phenomenology of becoming” (A. Nouss).

- How do we translate what happens to us?
- Where do we find the categories to integrate (read: ‘to translate’) phenomena in our mental universe?
- What does translation mean within the context of cultural heritage?
- How do we resist what a system imposes on us through the practice of translation?”

Cf. B. Baltrusch: «[Translation as Aesthetic Resistance: Paratranslating Walter Benjamin](#)», in *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, 2010

## Paratranslation - 2

“Translation is a constantly moving process of transposition without a fixed location and, in a wider sense of the term, it is a form of transcultural knowledge. An open and almost ‘holistic’ concept of translation includes all of its contexts and conditions, that is to say, what one might refer to as ‘paratranslation’. **Translation and paratranslation form an interdisciplinary space where not only deculturization and vulgarization, but also resistance, cross-breeding and hybridization are carried out constantly and at an increasingly global level. Translation, and paratranslation might be understood as an allostatic phenomenon of cultural dynamics.** Allostasis, literally ‘maintaining stability (homeostasis) through change’, describes how the cardiovascular system adjusts to the resting and active states of the body. I hold that **this notion of ‘stability through change’ is also inherent to cultural transformations.**”

Cf. B. Baltrusch: «[Translation as Aesthetic Resistance: Paratranslating Walter Benjamin](#)»,

in *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, 2010